

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura
27 a 29 de maio de 2009
Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

REZADEIRAS: GUARDIÃS DA MEMÓRIA

Claudia Santos da Silva¹

Resumo

As rezadeiras, enquanto importantes personagens da cultura popular, nos servem de referência para o estudo da memória, uma vez que essa é indissociável da cultura e das instituições sociais. Nessa perspectiva, este trabalho discute a temática da memória a partir da transversalidade com as rezadeiras, aqui consideradas como guardiãs da memória, a partir da consideração do seu papel junto às camadas populares. Baseado em teóricos como Ecléa Bosi, Le Goff, Halbwachs, Peter Burke, Marilena Chauí e Elda Oliveira, dentre outros, o artigo em questão apresenta a colaboração das rezadeiras no processo de preservação da cultura popular a partir da conservação da memória coletiva.

Palavras-chave: Memória, Rezadeiras e Cultura popular.

INTRODUÇÃO:

Acreditamos que a consciência da sua identidade, torna um determinado grupo social resistente as imposições das elites ou mesmo das investidas de grupos estranhos. Porém essa consciência só se apresenta onde há uma preservação dessa identidade, que, por sua vez, só acontece mediante a memória coletiva desse grupo.

Assim, de acordo com Halbwachs, preservar a memória é fundamental para a compreensão de identidade de um determinado grupo, pois “o grupo, no momento em que considera o seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo” (HALBWACHS: 1990:87).

Essa memória, no entanto, é fruto das lembranças que são estimuladas por situações do presente. Isso significa que as experiências do passado são reconstruídas com imagens e idéias de hoje, determinadas pelas relações entre indivíduo e sociedade.

¹ Mestranda em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional da Universidade do estado da Bahia – UNEB, Campus V. silvaclaudia@click21.com.br

Segundo Frans Boas, as experiências do indivíduo são “amplamente determinadas pela cultura na qual ele vive”. Ainda segundo o mesmo autor, “as condições casuais das ocorrências culturais repousam sempre na interação entre indivíduo e sociedade (...)” (BOAS, 2006: 96, 107).

De acordo com Halbwachs, preservar a memória é fundamental para a compreensão da identidade de um determinado grupo, pois:

“A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 2007: 54).

De acordo com essa afirmativa de Halbwachs, identifico as rezadeiras enquanto sujeitos que compõem um desses grupos e, conseqüentemente, preservam a memória e contribuem para a consciência da identidade desses.

A religião é uma das áreas da vida social e, logicamente, da cultura popular que tem grande característica de conservação, pois, segundo Halbwachs,

“Qualquer religião tem também a sua história, ou melhor, há uma memória religiosa feita de tradições que remontam a eventos muito distantes no passado, que aconteceram em determinados lugares (...)”. (HALBWACHS, 1990: 185).

As rezadeiras, em sua maioria, são católicas, embora, suas ações não correspondam às exigências da Igreja Católica. Isso porque elas pertencem ao que chamamos de catolicismo popular. Esse completamente tomado de símbolos e comportamentos criados e adaptados a partir das crenças e experiências de vida, também se configuram em uma grande força de resistência.

Tais aspectos imprimem uma inevitável relação entre a ação cotidiana das rezadeiras e a preservação da memória de uma determinada comunidade.

Entre alguns povos, se não na maioria deles, a religião é fator determinante da vivência cultural. No Ocidente, atualmente, essa lógica se apresenta especialmente nas comunidades menos abastadas e é vivenciada de acordo com a realidade, os problemas e necessidades das comunidades. Gaspar afirma que:

“No Brasil, da mesma forma como ocorre em outros países de forte tradição cristã, as crenças e práticas propostas pela estrutura religiosa formal

têm sido progressivamente reinterpretadas pelo povo à luz de experiência cotidiana concreta” (GASPAR, 2004: 123).

Aqui no Brasil, isso é visível, por exemplo, com o catolicismo popular, berço das rezadeiras, que é representado pelas romarias, ofícios e rezas em casas, peregrinações, devoções, dentre outros.

De acordo com tais afirmações é que consideramos que o estudo sobre as rezadeiras refere-se a uma preocupação com os estudos culturais, os quais nos permitem uma maior compreensão do comportamento e da identidade de determinada sociedade, que, por sua vez, se afirma a partir da sua memória coletiva.

Pelo papel que desempenham junto às camadas populares das suas comunidades, vemos essas mulheres como legítimas guardiãs das memórias de uma população, que corre o risco de perder o seu referencial cultural, oprimida especialmente pela realidade moderna.

O interesse pelo estudo das rezadeiras nasceu a partir de uma constatação: no Primeiro Censo Cultural da Bahia, realizado entre 2000 e 2006, pela Secretaria de Cultura e Turismo do Estado, que organizou um banco de dados culturais de todos os municípios da Bahia, dentre as modalidades relacionadas encontra-se as rezadeiras. A pesquisa realizada em Pojuca acusou a existência de apenas três rezadeiras, um número que certamente não está de acordo com a realidade do município. Essa controvérsia quanto ao número de rezadeiras existentes no município, remeteu-me a alguns questionamentos: por que será que aparecem apenas três rezadeiras na pesquisa? Quem forneceu as informações? Qual o valor atribuído a essas mulheres na comunidade? Será que as pessoas temem se identificar enquanto rezadeiras?

Tais questionamentos, juntamente com o interesse pela identidade histórico-cultural da população de Pojuca, me impulsionaram a pesquisar sobre essas mulheres.

Nesse processo de construção da pesquisa, inevitavelmente, sou transportada, através da memória, para a minha infância, as brincadeiras no quintal de casa ou da casa da minha avó, onde com irmãos, primos e colegas brincávamos por entre as plantas que nos forneciam frutas, e também as folhas usadas nas comidinhas de boneca, mas que eram as folhas da cura, usadas para os chás, banhos e para rezar as pessoas. Lembro-me que quando alguém em casa estava desanimado, febril, sem apetite e ou sonolento, logo se tinha um diagnóstico: é olhado, olho grosso! E o remédio era providenciado pela minha própria mãe ou por alguma vizinha: três galhos de vassourinha, uma reza

murmurada com as folhas passando pelo corpo; ritual repetido por três dias consecutivos. Era infalível!

Agora o referido ritual não mais é algo intrínseco à minha vida, algo que, de tão comum, jamais despertou algum tipo de questionamento, pois era como que instintivo. Hoje, atribuo-lhe status de categoria de análise, caso para estudo, na busca de compreender a sua colaboração para a vida das pessoas para além da cura. Hoje mim interessa saber como rituais como esse preservam a memória de um povo.

MEMÓRIA: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

Como dizia o poeta Cazusa, “o tempo não pára” e atualmente, parece que o tempo tem passado cada vez mais depressa, talvez por causa da acelerada dinâmica da vida das pessoas, por causa de tantas mudanças tecnológicas, de tantas informações, da redução das distâncias, talvez porque o mundo tenha se tornado numa “aldeia global”, como defendem alguns teóricos. São muitos os motivos que explicam a sensação de que o tempo tem passado mais depressa, como é possível observar nas palavras de Berman:

“O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas do seu *habitat* ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades (...)”. (BERMAN, 2007:25).

Algumas pessoas chegam até a acreditar que não se trata de uma mera sensação, mas que, de fato, a terra tem girado mais rápido e, conseqüentemente, o tempo tem passado mais depressa mesmo.

Porém se há verdade ou não nessas teorias não nos cabe abordar aqui. O fato é que a sensação de que o tempo tem passado mais rápido atualmente é comum entre muitas, se não, em maioria das pessoas, e, na dinâmica da vida tão veloz, muita coisa se

perde, muitos valores são esquecidos, por isso, mais do que nunca é necessária a evocação da memória.

A memória é coletiva, atinge as pessoas nos seus relacionamentos sociais e suas lembranças são construídas a partir dos estímulos externos como comentários, imagens, sons e odores que fazem as pessoas viajarem no tempo e trazerem para o presente, recordações do passado, que ajudam a construir a memória coletiva.

“Memória é uma palavra que nos veio do latim, preservando, em português, os dois sentidos fundamentais que possuía na origem. Memória, em primeiro lugar, é algo que não está em lugar algum, por que ocupa e preenche todos os lugares. É um substrato, repositório dos produtos de nosso passado que sobrevivem no presente, condição mesma do tempo presente. É a trama dos vestígios oriundos de diferentes épocas e condições de produção, que constitui a espessura mesma daquilo que existe, como cristalização e permanência do que não morreu, daquilo que nos liga aos mortos na medida em que sobrevive no presente”. (GUARINELLO, 1995:187)

Apesar dessa abordagem de Guarinello sobre a origem do termo, não existe conceito unívoco para memória. Diversos teóricos dialogam em torno do termo, que vai se aprimorando a partir das experiências que cada pesquisa, cada entrevista, rende à esses.

De acordo com Le Goff (2005:419), memória é um fenômeno psíquico e social que pode ocorrer onde há e onde não há escrita. A memória é usada pelo Estado para preservar os traços de qualquer acontecimento, através da produção de vários tipos de documentos e faz escrever a história e acumular objetos.

O teórico ainda afirma que a apreensão da memória depende do ambiente político e social e trata-se da aquisição de regras de retóricas e da posse de imagens e textos que falam do passado, ou seja, da apropriação do tempo.

Assim, podemos considerar a memória como um elemento muito importante na vida das pessoas, pois possui características psíquicas, biológicas e sociais, como afirma Le Goff:

“A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Desse ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria”. (LE GOFF, 2005:419).

As ciências humanas também se apropriam do estudo da memória. Assim, a memória atinge o ser humano em todos os aspectos da sua vida, por isso tem importância crucial.

A memória é presente no cotidiano, como afirma Goody: “na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana” (GOODY, 1977:35).

Também como é possível deduzir pelas palavras de Le Goff: “A memória, é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”. (GOFF, 2005:469).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a memória coletiva é determinantemente marcada pela cultura de um povo, especialmente, pela cultura popular. A memória é indissociável da cultura e das instituições sociais.

O termo cultura popular não possui uma conceituação unívoca, portanto partimos da aceitação do conceito de cultura, feito pelo antropólogo Edward Tylor (1871), que, conforme Burk (2005:34), foi apropriado por outros teóricos da área, como: “O todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (TYLOR, apud BURK, 2005: 43).

Por outro lado, cultura popular também é um termo complexo, que não possui uma definição exclusiva, mas no momento vamos nos apropriar do que diz Chauí,

“(…) um conjunto disperso de práticas, representações e formas de consciência que possuem lógica própria (o jogo do conformismo, do inconformismo e da resistência) distinguindo-se da cultura dominante exatamente por essa lógica de práticas, representações e formas de consciência”. (CHAUÍ, 1986: 25).

Essa lógica impõe a preservação das tradições e modos de fazer que só é possível graças a memória coletiva de determinado grupo social. Nesse caso, a memória coletiva é um elemento imprescindível na preservação da cultura popular. Justifica-se assim, a necessidade de evocarmos a memória como escudo diante da atual dinâmica de vida que tem provocado a desvalorização da cultura popular e, conseqüentemente, da identidade cultural do povo.

Essa realidade não se apresenta apenas nas grandes cidades. Também nas pequenas cidades e até mesmo no campo, esse aspecto da modernidade tem transformado comportamentos e afastado as pessoas dos seus modos de ser e de fazer.

No entanto, o que é evidente é a crescente importância que vem sendo atribuída à História Oral, seja ela enquanto disciplina, ou enquanto metodologia de pesquisa; o fato é que as testemunhas orais, narradores, colaboradores, depoentes, entrevistados, informantes... , seja lá qual for a terminologia empregada pelo pesquisador à quem lhes fornece as informações, ou seja, se permite entrevistar, investigar; tem sido cada vez mais respeitadas enquanto importantes e, em alguns casos, imprescindíveis fontes de pesquisa, especialmente nas pesquisas sociais, o que confirma a crescente credibilidade do estudo da memória ou a partir da memória entre a comunidade acadêmica.

O papel atribuído à memória na sociedade é bastante relevante, como podemos observar no que diz Guarinello:

“A memória, em primeiro lugar, como fundamento mesmo da tradição de uma cultura, como produto social, liga-se à reprodução da sociedade, organiza e reproduz consciências, `repetições. Confere um sentido de permanência e de unidade no tempo, de identidades a grupos específicos ou à sociedade como um todo. Podemos observar esse caráter unificador da memória, por exemplo (mas não só), nas atividades coletivas que se reproduzem ciclicamente, nas festas cívicas ou populares , nos ritos religiosos ou nos rituais políticos, como as eleições”. (GUARINELLO, 1995: 188).

O debate entre memória individual e memória coletiva é um dos elementos de divergência entre os intelectuais da memória. Dentre eles podemos citar Portelli:

“A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumento socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais.

É por esse motivo que, pessoalmente, prefiro evitar o termo `memória coletiva`. (PORTELLI, 1997:16).

Ao contrário de Portelli, tanto Bosi, quanto Pollak concordam com Halbwachs que a memória é coletiva, embora não desconsidere a memória individual:

“A memória coletiva (...) envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (HALBWACHS, 1990: 53).

Enquanto Halbwachs admite a memória muito mais como um fenômeno social que como um fenômeno psíquico, ao contrário de Portelli, que argumenta em torno da tese de que a memória é individual e nunca coletiva, embora considere que situações sociais interferem na memória de cada pessoa, enfoca, principalmente, o fator psíquico: “A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças”.(PORTELLI, 1997: 16).

Já Halbwachs não desconsidera a memória individual, porém a considera insuficiente para a construção sólida, segura da memória que é coletiva, é construída e identifica determinado grupo, pois:

“O grupo, no momento em que considera o seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo” (HALBWACHS, 1990:87).

Portelli compreende a memória como um movimento de dentro para fora:

“Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais”. (idem).

Enquanto Halbwachs pensa a memória como um movimento de fora para dentro:

“Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossas lembranças, mas também sobre a dos outros, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não somente na mesma pessoa, mas por várias”. (HALBWACHS, 1990: 25).

Halbwachs diz ainda que:

“(…) Não é suficiente reconstituir peça por peça para construir uma imagem de um acontecimento do passado para obter uma lembrança. É necessário que esta construção se opere a partir de dados ou de noções comuns, que se encontram tanto no nosso espírito como no do outro, por que elas passam incessantemente desse para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade”. (idem, 34).

Vansina também segue nessa direção quando diz que “o historiador deve iniciar-se, primeiramente, nos modos de pensar da sociedade oral, antes de interpretar suas tradições”. (VANSINA, 157).

Nessa perspectiva do movimento dentro para fora e de fora para dentro, considero que na primeira possibilidade, segundo as palavras do próprio Portelli, a memória poderia ser “moldada” pelo meio social, posso aqui dizer que essa pode ser moldada pelo Estado, o que, nessa lógica, não oferece ao indivíduo ou aos cidadãos a possibilidade de romper com determinadas regras, lendas ou tradições que, necessariamente, não constituem a identidade de determinado povo.

No entanto, se considerarmos o segundo movimento é possível vislumbrar, a partir daí, “reconstrução” de lembranças a possibilidade de rompimento com certas “falsas” memórias e daí se obter outra versão de determinado acontecimento, como podemos verificar a partir da experiência de Alistair Thomson, com ex-combatentes de guerra australianos e a lenda sobre esses *Anzacs*:

“Com o retrato público de participação dos australianos na guerra havia mudado, Fred Farral pode compor um passado para os *Anzacs* com o qual conseguir conviver”. (THOMSON, 1997:67).

Para contrapor a Portelli, nesses termos, e argumentar a concordância com a idéia de memória coletiva de Halbwachs, recorro à Jan Vansina, quando se refere a sociedades de tradição oral:

“Uma sociedade de tradição oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocução-chave, isto é, a tradição oral~. (VANSINA, 157).

Interessa-me aqui argumentar em favor de Halbwachs, pois essa é a compreensão de memória que norteará a condução dessa pesquisa, que traz já no seu título, a preocupação com a preservação da memória do município de Pojuca.

AS GUARDIÃS DA MEMÓRIA

Sou de uma família de sete irmãos, dos sete cinco nasceram em casa com o auxílio de uma parteira: mãe Lina, já falecida. Só os dois mais novos não nasceram com o seu auxílio. Quando nasceram, final da década de 70, ela já se considerava muito velha para aquela tarefa. Eles nasceram na maternidade de Pojuca.

Minha família não era a única a recorrer aos préstimos da mãe Lina. Boa parte dos meus vizinhos naquela época, da mesma faixa etária nasceram por suas mãos.

Mãe Lina, além de parteira era rezadeira e muitas das minhas vizinhas, já falecidas, também eram rezadeiras. Como dona Cecília, dona Xandu, dona Eremita... Todas sabiam algum tipo de reza, de cura. Inclusive minha mãe, que, quando necessário rezava de mau olhado.

Lembro-me de uma vez que machuquei meu dedo do pé direito e ficou uma grande inflamação. Dona Cecília rezou e costurou meu dedo com uma linha tirada de um cachimbo e depois de alguns dias aquela inflamação murchou e meu dedo sarou.

Minha vida reflete um grande exemplo de como as nossas vidas estão envoltas da ação das rezadeiras, sempre presentes, de alguma forma, especialmente na nossa infância. Mulheres que conhecem várias orações e ritos que ajudam na cura de muitas pessoas e até de plantas e animais. A união de dois importantes elementos: a fé na ação das rezadeiras e a combinação de ervas contribuem para a cura de muitas pessoas, que, muitas vezes, não tem como recorrer à medicina alopática, pois além de remédios caros, o atendimento é de péssima qualidade.

Laraia confirma essa afirmativa quando diz:

“A cultura também é capaz de provocar cura de doenças, reais ou imaginárias. Essas curas ocorrem quando existe a fé do doente na eficácia do remédio ou no poder dos agentes culturais.” (LAIARA: 2008, 77).

A existência das rezadeiras ou benzedadeiras é muito antiga no Brasil e se origina da cultura indígena e principalmente, da cultura africana, desde o período da colonização, pois esses conheciam as ervas e suas funções. Povos diferentes que contribuíram em diversos aspectos na cultura brasileira, em especial para a cultura popular.

Como fiel exemplo dessa afirmativa, temos dona Dida, uma senhora franzina, de 69 anos de idade, que era filha de um descendente de índio. Seu pai contava que a sua avó havia sido “pega a dente de cachorro” e sua mãe era negra. Ela é católica fervorosa, vai à missa duas vezes na semana e participa de todas as atividades da comunidade.

A religião é uma das áreas da vida social e, logicamente, da cultura popular que tem grande característica de conservação, pois, segundo Halwbachs,

(...) se expressa sob formas simbólicas que se desdobram e se aproximam no espaço: é somente assim que temos a certeza de que ela subsiste.

(...)

Qualquer religião tem também a sua história, ou melhor, há uma memória religiosa feita de tradições que remontam a eventos muito distantes no passado, que aconteceram em determinados lugares (...) (HALBWACHS, 1990: 185).

Assim, as rezadeiras representam um importante elemento para o estudo da memória coletiva, pois como elemento da religiosidade popular, representam assunto de interesse das ciências sociais.

Segundo Chauí,

“Os antropólogos enriquecem essas análises enfatizando a dimensão propriamente cultural da religião popular como preservação de valores éticos, estéticos étnicos e cosmológicos de grupos minoritários e oprimidos, de sorte a funcionar como canal de expressão da identidade grupal e de práticas consideradas desviantes (e por isso repudiadas) pela sociedade inclusiva.” (In. OLIVEIRA (Org.), 2001:174).

As rezadeiras são fiéis exemplos dessa afirmação, são representações culturais, gênero do catolicismo popular. Estão em toda a parte. Em alguns lugares são as únicas alternativas para atender os doentes das comunidades, onde não há atendimento médico.

“Existem rezadeiras e benzedoras espalhadas por todo o país, nas grandes cidades e no interior, nas áreas urbanas e rurais. (...). Geralmente esses benzedores utilizam apenas um conhecimento empírico sobre as ervas medicinais e a capacidade de usar sua intuição e força interior, sem qualquer compromisso com um rito religioso específico. Embora possa haver rituais de origem africana e ameríndia, o que predomina na benzedura é o apelo aos santos católicos a que a tradição popular atribui poderes de cura” (GASPAR, 2004: 127).

Mesmo onde tem médico, mas o atendimento é precário e os remédios são caros, as pessoas vão a busca dos préstimos das rezadeiras, que atendem sem restrições a quem vai a busca dos seus serviços. Dona Zilda, senhora de 69 anos afirma que tem dias que chega a atender até 40 pessoas. Muitas dessas pessoas vão ao médico, mas mesmo assim recorrem aos seus serviços, para reforçar os cuidados e garantir a cura desejada.

As rezadeiras sempre tiveram papel muito importante junto às populações mais carentes, pois esses, sem acesso a medicina tradicional, recorriam aos chás, garrafadas e ritos na busca da cura. A elas cabe a importante tarefa de curar os males do corpo e do espírito. As rezas, os banhos, os chás fazem parte do arsenal que elas utilizam para realizar sua missão.

Esse arsenal geralmente é adquirido através das gerações, passados como sabedoria, através da oralidade, principalmente. O ato de transmitir tais conhecimentos faz o grupo estar sempre reconstruindo lembranças e, conseqüentemente, reafirmando a sua identidade. Pois, de acordo com Bosi,

As lembranças grupais se apóiam umas nas outras focando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecemos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência. (BOSI, 2007: 414).

A influência africana é de grande predominância na construção das práticas das rezadeiras. O uso de diversas folhas, muitas de origem africana, que passaram a ser cultivadas também na Bahia, Sejam eles realizados por pessoas de santo ou por rezadeiras do catolicismo popular.

Há de se convir que a cultura iorubá na África tinha e tem até hoje um conhecimento muito profundo da utilização medicinal e ritual das mais diversas folhas que se expressa através de ofô, que são encantações, versos e frases que ajudam a memorização deste saber tradicionalmente transmitido oralmente. (CARDOSO e BACELAR, 1999: 304).

Na primeira metade do século XX, observa-se na Bahia uma intensa campanha preconceituosa, elaborada pelo poder público e amplamente divulgada pelos jornais, contra a vendagem de plantas medicinais, na tentativa de “destruir a independência que a população mais pobre, negra e de origem cabocla conseguia manter usando essas folhas.” (Idem, 311).

Já em meados desse mesmo século a perseguição contra os curandeiros se apresentou também no âmbito da legislação, com a regulamentação de leis que restringiam as práticas de prevenção e cura para os profissionais da saúde, como pode ser observado em Santos:

No Brasil após os anos 40 do século XX, sobretudo após a institucionalização do Conselho Federal de Medicina em 1945 – este reestruturado em 1957 juntamente com os Conselhos Regionais – os médicos com outros profissionais da área de saúde (enfermeiros, farmacêuticos, dentre outros) demarcaram quem poderia exercer as profissões relacionadas com a arte de prevenir ou curar doenças. Com a regulamentação de tais conselhos, o Estado delegava poderes para que os mesmos combatessem o exercício ilegal da medicina em quaisquer de seus ramos. 418

Com a criação das Normas Gerais sobre Defesa e Proteção da Saúde, através da Lei 2312 de setembro de 1954 e com sua regulamentação sob denominação de Código Nacional de Saúde em 1961419, estava determinado que os Conselhos de Medicina seriam os principais responsáveis quanto à disciplinarização do exercício profissional nas artes de curar, ficando o Estado, via autoridade sanitária, a suplementar tal ação.⁴²⁰ Competindo aos conselhos regionais de medicina e às autoridades sanitárias fiscalizar (SANTOS, 2005:??)

Apesar de todas as investidas contrárias, as rezadeiras têm resistido ao longo da nossa história. Assim, acreditamos que essas mulheres trazem em sua função social a importante tarefa de preservar a cultura, uma vez que refazem as lembranças, que compõe a memória coletiva de determinada sociedade.

Essa afirmação se respalda nas palavras de Halbwachs, quando diz que “o grupo, no momento em que considera o seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo” (HALBWACHS, 1990: 87).

Falando sobre as orações, as rezas que são pronunciadas durante o ritual para a cura do doente, dona Dida disse que, o padre Manoelito disse que se tratava dos salmos populares, a oração do povo.

Percebi o quanto ela preza por essa informação, pois é como a legitimação do seu dom pelo próprio padre.

De acordo com essa lógica, Oliveira afirma que:

O processo de produção e de reprodução do saber da benzeção é o mesmo que mantém vivas e sólidas as formas e questões substantivas pelas quais as benzedoras resistem à opressão feita pela classe dominante. E como cria alternativas para a experiência religiosa e médica, ainda que muitas vezes as exprima sobre formas conformistas, resignadas e fatais. (OLIVEIRA, 1985:45).

As lembranças do grupo familiar são fundamentais para o processo de transmissão dos conhecimentos para as rezadeiras. A família consegue marcar a sua origem e formar um vínculo, que permanece ainda que essa se desagregue, como assinala Bosi: *trocando opiniões, dialogando sobre tudo suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar*. (Bosi, 1994:423).

Assim, tanto dona Dida, quanto dona Zilda informaram que aprenderam a rezar com seus pais. Dona Dida disse que aprendeu com sua mãe, vendo-a repetir os versos e ritos para curar as pessoas que lhe acorriam quando adoentadas e dona Zilda disse que herdou esse dom do pai, que era rezador também muito conhecido na cidade, a quem ajudava, pois esse possuía uma deficiência nas mãos e ela o auxiliava, assim foi

aprendendo as orações e todos os ritos que seu pai realizava. Desde os 20 anos de idade já sabia muitas rezas, mas foi após a morte do seu pai, que passou a assumir o ofício de rezadeira e desde então, tem tido muitas alegrias com o resultado do seu “trabalho”.

A preservação da memória não está apenas nos ritos e orações, mas também no espaço físico, no lugar onde elas vivem. Como diz Corrêa (1995), “O espaço vivido é também um campo de representações simbólicas”.

Ambas as rezadeiras aqui citadas, bem como outras onze já observadas, moram em casas que possuem quintais. É geralmente nos quintais que rezam seus clientes e é também de onde recolhem as plantas necessárias para a benzeção e para chás e banhos muitas vezes receitados para seus clientes.

Assim, é possível considerar os quintais como espaço de produção e também de vivência do sagrado; ao mesmo tempo em que é também um espaço de preservação da memória, pois o quintal é o local onde as ações são vivenciadas e repetidas, onde se produz as folhas que são elementos fundamentais no processo de produção da cura através dos ritos e orações das rezadeiras.

Há a necessidade de se preservar a memória. Essa é fundamental para a consciência da identidade de um determinado grupo, esta se constitui através da vivência, do dia-a-dia, ou seja, através do cotidiano das pessoas, que vivem em sociedade, pois o cotidiano só é possível no convívio social e a memória, ainda que conteúdo dos indivíduos, necessita ser coletiva, para a garantia de sua preservação.

Nesse contexto as rezadeiras cumprem o seu papel, tanto a partir da transmissão dos conhecimentos das plantas e dos versos e orações de geração para geração, bem como a partir da ação junto a comunidade, pois também reafirma a permanência das tradições e crenças na sua comunidade, o que influencia diretamente no comportamento de dada comunidade, bem como pode colaborar para a tomada da consciência da sua identidade cultural.

Referências

BOAS, F. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Editor, 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, lembrança de Velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BREMAN, Marshall. *Tudo o que é Sólido se Desmancha no ar*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

- BURK, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- CARDOSO, Carlos e BACELAR, Jéferson (org.). *Faces da Tradição Afro-Brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, Salvador: CEAO, 1999.
- CASTRO, Iná Elías de, GÓMEZ, Paulo Cesar da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato, (orgs). *Geografia, conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GASPAR, Eneida D. *Guia de Religiões Populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- GOFF, Jacques Le. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 2005.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória coletiva e história científica. In: RBH, ANOUH, n. 28, São Paulo, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história: estrutura da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática S/A, 1991.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é Benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.). *Metodologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec – UNESP, 2001.
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*; Rio de Janeiro, vol. 5, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho e algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Projeto História*; São Paulo, n.15, 1997.
- _____. História Oral como gênero. In: *Projeto História*; São Paulo, n. 28, 1995.
- SANTOS, Denilson Lessa. *Nas Encruzilhadas da Cura: Crenças, Saberes e Diferentes Práticas Curativas*. Santo Antonio de Jesus – Recôncavo Sul – Bahia (1940 – 1980) – Dissertação de Mestrado. UFBA, Bahia, 2005.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a mem6ria: Quest6es sobre a rela76o entre a Hist6ria Oral e as mem6rias. In: Projeto Hist6ria; S6o Paulo, n. 15. 1997.